



GREYHOUND E A BATALHA DO ATLÂNTICO



CMG (RM1) Getúlio A. Cidade

O filme mais recente de Tom Hanks despertou a atenção de muitos curiosos a respeito da acirrada guerra antissubmarino (ou guerra A/S, conforme chamamos na Marinha do Brasil) ocorrida durante a 2ª Guerra Mundial. Tom Hanks interpreta o comandante de um Contratorpedeiro da Classe *Fletcher*, *USS Keeling* (codinome *Greyhound*) que também detém o comando operativo de outros três navios-escoltas responsáveis por proteger um comboio de navios mercantes, durante a fatídica travessia entre os Estados Unidos da América (EUA) e a Inglaterra, em plena campanha submarina dos *U-boats* alemães que ameaçavam afundar qualquer navio que ousasse navegar nas águas do Atlântico.

DOENITZ E A RUDELTAHTIK

Para melhor compreender o roteiro do filme, é necessário compreender o contexto histórico da 2ª Guerra, em especial, a Batalha do Atlântico. O grande mentor da arma submarina alemã, Almirante Karl Doenitz, traçou sua estratégia com a experiência e o conhecimento adquiridos durante a campanha submarina da 1ª Guerra. Ele bem sabia que uma das principais razões que redundou na queda drástica no número de navios afundados foi a adoção do sistema de comboios para navios mercantes por parte dos aliados. Foi assim que ele elaborou sua famosa tática para emprego eficiente

da arma submarina, a tática de alcateia (*Rudeltaktik*) que prevê o emprego de um grupo-tarefa (GT) de submarinos disposto em uma ampla curva côncava na qual o comboio inimigo penetraria. O primeiro submarino a avistar o comboio, em vez de sucumbir ao ímpeto de realizar um ataque e se evadir, recuaria, faria contato com os demais submarinos do GT para reportar a posição do inimigo e coordenariam um ataque simultâneo pelos flancos e pelo setor de popa do comboio. Esse conceito foi amplamente desenvolvido e disseminado entre os submarinistas da *Kriegsmarine* (marinha de guerra alemã) em jogos de guerra, durante os anos que antecederam o conflito.

Ao primeiro ataque de um comboio, o pandemônio estava instaurado. Os escoltas partiam na direção provável do submarino atacante, fazendo buscas frenéticas no intuito de encontrá-lo e lançando cargas explosivas sobre o *datum* (última posição conhecida de um contato submarino inimigo), enquanto deixavam o restante do comboio desguarnecido para os demais submarinos realizarem seus ataques à vontade. À medida que outros navios eram torpedeados, os escoltas se moviam em sua direção, o que abria mais vazios ainda na cobertura e o ciclo se repetia. Quando um navio era afundado, outro ficava atrás para recolher os sobreviventes, tornando-se presa dos implacáveis *U-boats*. A imagem figurada é mesmo de uma presa grande sofrendo impiedosos ataques de predadores menores como os lobos, que se revezam em suas investidas continuamente, sem dar trégua a sua vítima; daí a origem do nome alcateia para a tática.

UMA GUERRA ENTEDIANTE

O filme se inicia com o comboio de 37 navios, escoltado pelo *Greyhound* e mais outros três navios-escoltas, com destino a Liverpool, saindo do raio de alcance das aeronaves de patrulha A/S que operavam a partir da América do Norte e que efetuavam a proteção ao grupo. Ao deixar a cobertura das aeronaves aliadas, o comboio contava apenas com a proteção dos escoltas de superfície até o encontro com as outras aeronaves aliadas do outro lado do Atlântico Norte, no limite do alcance das mesmas, que proveriam cobertura antissubmarino daquele ponto até a chegada ao porto. Certamente, as aeronaves eram um grande reforço na proteção e o elemento mais intimidador para os submarinos alemães. Devido a isso, o espaço vazio correspondente à ausência de cobertura aérea aliada era conhecido como *Black Pit*, área temida pelos navios de superfície e mais explorada pelos *U-boats*, onde foi executada a maioria dos ataques fatais contra o tráfego mercante.

Do início ao fim do filme, salvo em raras cenas, mostra-se uma guerra antissubmarino extremamente intensa e vigorosa, que parece durar os cinco dias da travessia do Atlântico Norte pelo comboio, sem trégua nem descanso. No entanto, a guerra A/S é um tipo de guerra naval onde não se tem esse tipo de ação contínua. Na verdade, na maior parte do tempo, é uma grande monotonia, intercalada por momentos de excitação e ação, normalmente de curta duração, que ocorrem quando um dos navios-escoltas obtém um contato submarino no sonar. Durante a busca, os escoltas responsáveis pela cobertura A/S guarnecem setores em torno do corpo principal a ser protegido e efetuam a patrulha com seus sonares normalmente operando em ativo, buscando um contato submarino inimigo.

É compreensível que *Greyhound* não mostre esses períodos de monotonia por parte dos navios de superfície durante uma travessia com ameaça submarina, uma vez que isso não caberia em um filme de uma hora e meia. O fato é que encontros visuais entre navios de superfície e submarinos nesse conflito, como ocorre frequentemente em *Greyhound*, eram raros e, na maioria das vezes, fatais para um dos lados. Via de regra, a ordem do dia na guerra antissubmarino para

os que combatem acima e abaixo d'água é o enfado durante as patrulhas.

FATO x FICÇÃO

Uma das cenas desses raros encontros mostra um embate entre o submarino e o Escolta *Greyhound* lado a lado, incluindo engajamento de superfície de ambos. Sabe-se que esses eventos realmente ocorreram e os *U-boats* eram equipados para esse tipo de combate a curta distância com canhões que podiam ser empregados contra navios e aeronaves. Em um dos combates mais acirrados da Batalha do Atlântico, o USS *Borie*, ao ser direcionado para investigar um *datum*, alcançou o *U-boat U-405* e fechou distância ao máximo. Porém, em virtude do estado violento do mar, acabou subindo a proa no submarino, permanecendo nesse estado por cerca de dez minutos. Como essa posição inviabilizava o uso dos canhões, a tripulação do *Borie* pôs em prática um adestramento rotineiro para o qual havia sido treinada à exaustão pelo Imediato do navio. Todos os tripulantes guarneciam armas portáteis (metralhadoras, submetralhadoras, fuzis e o que mais estivesse disponível) para proceder o ataque, à uma, sobre a tripulação de um submarino no visual. Assim foi feito e o ataque dizimou a tripulação do *U-405* que, em seguida, veio a afundar. Entretanto, teve seu alto preço cobrado com a grave avaria no casco abaixo da linha d'água do *Borie* que veio a afundar no dia seguinte, mas com grande parte da tripulação resgatada por outros dois navios da *US Navy*.

Dentre as cenas mais empolgantes do filme, estão os dois ataques de um submarino alemão contra o *Greyhound*, sendo que o navio se livra de ambos por meio de manobras evasivas antitorpédicas, o que seria altamente improvável em uma situação real. Embora manobras evasivas como ziguezague e rumos aleatórios já existissem na 2ª Guerra, vindo a se desenvolver



rapidamente com toda a tática do ambiente de guerra abaixo d'água ao longo da Batalha do Atlântico, manobrar com o navio para fugir de um torpedo lançado em sua direção era o último recurso e apresentava baixa probabilidade de sucesso. Todavia, empregá-lo era melhor do que apenas se preparar para o impacto. Ao avistar uma esteira de torpedo na direção do navio, o vigia que se posicionava no tijupá e detinha uma visão privilegia-



da daria o alerta para o telefonista do passadiço, que avisaria o Oficial de Quarto que, por sua vez, aumentaria a velocidade para máxima e manobriria de acordo com a marcação visual do torpedo, visando diminuir a seção reta do navio para o mesmo e, assim, minimizar a probabilidade de acerto. No entanto, o tempo de reação é comprometido pelo intervalo do trâmite da mensagem, pelo intervalo para as máquinas responderem à velocidade ordenada, pelo intervalo para que o navio atenda à ordem de leme e, mais importante, pelo intervalo que o Oficial de Quarto gasta para raciocinar e dar as ordens de máquinas, leme e rumo final, considerando que não errará em seu cálculo. Do outro lado, está o torpedo em alta velocidade, diminuindo a distância do alvo a cada segundo. Com um tempo de reação extremamente curto, na ordem de alguns segundos, e com muitas variáveis para se fechar essa equação, o impacto é altamente provável.

Por outro lado, a segunda manobra evasiva do Comandante do *Greyhound* não impede que o torpedo alcance o navio, mas faz com que ele fique quase paralelo ao torpedo, que raspa seu casco num ângulo bem agudo, não detonando sua carga explosiva, em uma cena de tirar o fôlego do espectador. Esse impacto de torpedo sem explosão, em se tratando da Batalha do Atlântico, está longe de ser apenas ficção cinematográfica e ocorreu com mais frequência que se possa imaginar no início da guerra. Há diversos registros históricos sobre falhas de torpedos por parte dos *U-boats*, especialmente os de ignição magnética, projetados para detonarem nas proximidades do casco de um alvo e gerar uma onda de choque submarina capaz de partir a quilha ou romper as obras vivas ^[1]. Um dos casos mais conhecidos foi o do ataque do U-39 ao

porta-aviões britânico *Ark Royal*, logo no início do conflito, onde nenhum torpedo da salva lançada detonou sua carga. O porta-aviões saiu ileso e o lançamento denunciou a presença do U-39, tendo sido afundado imediatamente por contratorpedeiros de Sua Majestade, que capturaram seus tripulantes em seguida. O U-56, ao se deparar com uma força naval britânica de três encouraçados e dez contratorpedeiros, disparou uma salva de três torpedos contra o Encouraçado *Nelson*, quando o comandante do submarino chegou a ouvir os três atingirem suas obras vivas, sem porém detonar suas cargas explosivas. O fracasso perturbou psicologicamente de tal maneira o Comandante Zahn do U-56 que ele precisou ser retirado do serviço ativo por algum tempo. Nenhum comandante de submarino da *Kriegsmarine* estava imune a esse problema, por mais habilidoso que fosse. O Comandante do U-47, Gunther Prien, herói do audacioso ataque a *Scapa Flow* e um dos favoritos de Doenitz, defrontou-se com esse estorvo mais de uma vez, fracassando em vários ataques e chegando mesmo a desistir de um outro comboio por haver perdido a confiança em seus torpedos. Em seu regresso à base, ele teria se queixado de que “não podia combater com um fuzil de brinquedo”.^[2] Este evento somado a diversos outros levaram à abertura de um inquérito para investigar as causas do mau funcionamento da arma fatal dos submarinos nazistas.

O filme também ilustra ataques do escolta contra o submarino inimigo usando cargas de profundidade, porém sem sucesso. A pergunta que se faz é: como pode um submarino escapar incólume de uma salva de várias cargas de profundidade? E aqui trata-se de outro fato da Batalha do Atlântico. O equipamento de som desenvolvido desde a 1ª Guerra para detectar

submarinos, chamado de ASDIC³¹ pelos ingleses e de SONAR⁴¹ pelos norte-americanos, era capaz de prover, com relativa precisão, a marcação e a distância do alvo submarino quando este recebia a onda sonora mais conhecida pelos marinheiros como “ping” em seu casco. Ao mesmo tempo que as ondas refletidas pelo casco do submarino forneciam sua posição para o escolta, esse mesmo “ping” fazia um ruído tão forte ao incidir sobre o submarino que toda sua tripulação sabia que havia sido descoberta. O ASDIC possuía, entretanto, duas deficiências que davam ao submarino a oportunidade de escapar do ataque de superfície. Uma delas era que os primeiros ASDICs não forneciam a indicação de profundidade do alvo submarino, o que impedia a setagem precisa das cargas de profundidade antes do lançamento. A outra era que os ASDICs não funcionavam a curtas distâncias do alvo, ocasião em que o escolta ficava completamente cego, ou melhor, surdo em relação ao submarino. Como o navio devia passar sobre o alvo para efetuar o lançamento das cargas de profundidade que era feito pela popa, o ataque era realizado completamente às escuras, baseado em uma posição estimada. E os comandantes de *U-boats* aprenderam rapidamente a explorar esse ponto fraco dos escoltas para se safarem do ataque, efetuando uma guinada brusca para boreste ou bombordo antes mesmo do lançamento das cargas pelo escolta. Embora muitos *U-boats* tenham sido afundados por elas, a probabilidade de sucesso dos ataques era baixa, só vindo a aumentar de modo eficaz após a introdução dos morteiros submarinos, chamados de *Hedgehog* e *Squid*, o que elevou em muito as probabilidades de sucesso nos ataques dos escoltas até o fim do conflito.

Outra cena que chama a atenção é a transmissão do submarino alemão na linha de comunicação dos escoltas em inglês claro, atuando no âmbito da guerra psicológica, fazendo ameaças diretas ao *Greyhound* de forma a gerar medo e desequilíbrio em sua tripulação. Embora instigante e curiosa, tal cena fica apenas no campo da ficção. Não houve nenhum registro de que isso tenha ocorrido na Batalha do Atlântico. Os submarinos navegavam em silêncio rádio, quebrando-o somente nos casos em que era obrigatório efetuar transmissões para o comando estratégico alemão em terra, especialmente para repassar a posição dos comboios aliados. Tais transmissões via rádio já eram um risco por si, pois eram monitoradas pelos escoltas bem como por estações radiogoniométricas aliadas em terra que plotavam “fixos” dos submarinos,



alimentando os dados da inteligência operacional. Embora não fosse impossível para um *U-boat*, fazer uma transmissão desse tipo nas linhas aliadas, seria extremamente difícil.

Após um combate de superfície com um submarino inimigo, três tripulantes do *Greyhound* são mortos e, mais tarde, é executado o funeral desses marinheiros no mar. Seus corpos são cobertos com as bandeiras dos EUA na posição correta, toda a tripulação se faz presente (exceto o pessoal de serviço) e bem uniformizada, o comandante faz a leitura das Escrituras e a oração final, são feitas todas as honras, saúda-se os corpos dos militares com continência e salva de tiros para, em seguida, lançá-los ao mar. Até o número de militares com fuzis para a salva de tiros está de acordo com o manual para o sepultamento no mar. Era exatamente assim que os funerais eram executados a bordo durante a 2ª Guerra e ainda hoje, incluindo a ordem do comandante de “parar máquinas”, como sinal de reverência e para que os corpos fossem lançados cuidadosamente na água, sepultados para sempre nas profundezas do oceano. Embora seja um ato administrativo, a direção do filme optou por retratar o funeral rigorosamente de acordo com as normas constantes para sua cerimônia no mar, a bordo dos navios da *US Navy*.

O ERRO ESTRATÉGICO ALEMÃO

Os nazistas sabiam que se conseguissem sufocar o fluxo logístico proveniente da América do Norte para o Reino Unido, seriam capazes de obter a vitória. Os aliados, incluindo aí os russos, dependiam do apoio logístico proveniente das Américas para alimentar



sua população, para receber reforço de tropas, para receber carros de combate, embarcações pequenas, aeronaves, armamento, munição, máquinas e ferramental industrial para produção bélica. Doenitz sabia que o submarino era a arma mais poderosa que poderia alcançar esse propósito de maneira eficaz e com relativa rapidez. Daí sua aposta, desde antes da eclosão do conflito, em seu emprego. Por essa razão, tentou convencer o Alto Comando alemão de que precisaria ter trezentos submarinos antes do início das hostilidades. Com essa força naval esmagadora, estimava que seria capaz de infligir um golpe certo e decisivo sobre o inimigo, logo no início da guerra, do qual os Aliados não seriam capazes de se recuperar a tempo.

O idealizador da *Rudeltaktik* foi um dos maiores estrategistas de seu tempo e seu pensamento estava correto. Porém, tal raciocínio estratégico não foi alçado pelo Alto Comando, que não lhe deu ouvidos. Em vez dos trezentos submarinos, quando a guerra começou, Doenitz contava apenas com 56 e, felizmente para os Aliados, nunca foi capaz de aplicar o tão sonhado golpe fatal no início da Batalha do Atlântico. Apenas outro grande estrategista de seu tempo e um dos maiores da história, do lado dos Aliados, daria atenção às palavras de Doenitz: Winston Churchill. Ele sabia que o submarino seria a única força capaz de isolar a Inglaterra dos recursos logísticos necessários ao esforço de guerra. Mais tarde, ao registrar suas memórias sobre a 2ª Guerra, Churchill escreveria que a única coisa que realmente o assustou durante o conflito foi o perigo do submarino; que a Batalha do

Atlântico o deixara mais ansioso do que o combate aéreo da Batalha da Inglaterra. E que o pior dos males foi o ataque dos submarinos; que os alemães teriam lucrado muito se tivessem arriscado tudo nele. Doenitz não teria discordado em nada dessa declaração.

A VIRADA ALIADA

A vitória dos Aliados na Batalha do Atlântico foi, sobretudo, a vitória da tecnologia e da tática. Os Aliados saíram em grande desvantagem desde o início do primeiro afundamento de um navio de passageiros por um *U-boat*, no primeiro dia da guerra. Foram muitas baixas de navios e tripulações até que a balança começasse a pender em prol dos Aliados. Pode-se dizer que a tecnologia e a tática navais nunca se desenvolveram tanto em tão curto espaço de tempo, despendendo-se um enorme esforço militar, científico e econômico. Os líderes aliados sabiam que se perdessem a Batalha do Atlântico, a derrota completa para os nazistas seria inevitável.

Dentre as descobertas e evoluções, ressalta-se a criação da *magnetron* de cavidade ressonante, o que permitiu a redução no tamanho do radar de modo a otimizar seu emprego em navios e aeronaves, acarretando também um avanço na tecnologia de rádio bem como na área da inteligência operacional, vital no teatro de operações marítimo. A rápida evolução da guerra eletrônica tornou os ataques noturnos conduzidos pelos *U-boats*, na superfície, o que era feito de maneira relativamente fácil no início, cada vez mais perigosos para eles. A capacidade de estabelecimento de “fixos” de guerra eletrônica facilitou sobremaneira a correção das rotas dos comboios para longe das alcateias de *U-boats*. O número crescente de aeronaves empregadas na cobertura aérea dos comboios, e com raio de alcance cada vez maior, praticamente fechou o buraco do oceano conhecido como *Black Pit* no fim da guerra. O trabalho intenso da inteligência por meio do acesso às cifras navais alemãs foi aperfeiçoado a ponto de permitir que se tomasse conhecimento das instruções de Doenitz a seus comandantes de forma precisa e em tempo real. Concomitante a isso, as táticas empregadas na guerra A/S — de longe a mais complexa de todos os tipos de guerra naval — evoluíram rapidamente, tendo a seu favor sensores e armamentos cada vez mais eficientes, o que, somado a todo o esforço já mencionado, levou a uma virada de mesa definitiva em meados de 1943.

UMA HOMENAGEM MAIS QUE MERECEIDA

Um fato desconhecido para a maioria do público brasileiro que assistiu ao filme é que o *Greyhound* é de uma classe de navios muito especial para a Marinha do Brasil e que eu não poderia deixar passar em branco. Estamos falando do contratorpedeiro (CT) Classe *Fletcher*, construído durante a 2ª Guerra e a classe mais produzida por qualquer outro país na História. As cenas do filme foram gravadas a bordo do ex-USS *Kidd* (DD-661), que permanece hoje como um navio-museu e é o único *destroyer* da US Navy com a configuração da 2ª Guerra. Após o conflito, os EUA transferiram a maior parte desses navios para outras marinhas, incluindo a Marinha do Brasil, que recebeu sete deles em regime de *leasing*, no período de 1959 a 1972. Foram eles o CT *Pará* (D27), CT *Paraíba* (D28), CT *Paraná* (D29), CT *Pernambuco* (D30), CT *Piauí* (D31), CT *Santa Catarina* (D32) e CT *Maranhão* (D33). Prestaram excelentes serviços a nossa Marinha por quase trinta anos e deixaram saudade, tendo promovido um salto qualitativo nas táticas da guerra antissubmarino e uma manutenção de alto nível, no aprestamento de meios para a guerra naval, durante esse período.

Por fim, *Greyhound* chama nossa atenção para um lado da 2ª Guerra ainda pouco conhecido e explorado, dando um vislumbre do esforço de guerra colossal dos Aliados para manter as linhas de comunicações marítimas entre as Américas e a Europa ininterruptas, a despeito das inestimadas perdas materiais e irreparáveis perdas humanas sofridas ao longo do conflito. Tendo exercido o papel de diretor e ator principal em clássicos do cinema e séries, que glorificam o papel dos Aliados na 2ª Guerra, como em *O Resgate do Soldado Ryan*, *Band of Brothers* e *Pacífico*, fazendo-o com excelência e por dever de justiça, faltava esse expressivo trabalho de Tom Hanks que destaca a importância da Batalha do Atlântico. Sem o imprescindível e crítico apoio logístico que fluiu por essas linhas

de comunicações marítimas, não teria havido Operação *Overlord*, nem Dia D, nem a retomada do continente europeu pelos Aliados e a vitória sobre o nazismo não teria se consumado. Isso é historicamente incontestável, embora pouco comentado ou negligenciado.

Greyhound exalta essa campanha aliada em alto mar, destacando o romantismo das operações da guerra antissubmarino, não obstante seu lado duro e sombrio. Por último e mais importante, é uma justa e oportuna homenagem às dezenas de milhares de homens das marinhas de guerra e mercante que sacrificaram suas vidas no cumprimento da nobre missão de manter o apoio logístico crítico para o sucesso dos Aliados no teatro de operações terrestre europeu. Marinheiros corajosos que pereceram no fragor silencioso da batalha e que, ao contrário do “soldado desconhecido”, não tiveram uma lápide reservada para si nem gerações de curiosos para visitar seus túmulos, mas foram lançados em uma gigantesca sepultura coletiva, escondida nas profundezas das águas do Atlântico, em um dos períodos mais tenebrosos da humanidade. A eles, minha mais solene continência, meu mais sincero respeito e minha eterna gratidão. ■

Notas:

[1] Obras vivas: parte do casco das embarcações que fica submersa.

[2] MASON, David. *Submarinos Alemães, a arma oculta. História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1975, p. 42.

[3] Iniciais de *Allied Submarine Detection Investigation Committee* (Comissão Aliada de Investigação e Detecção de Submarino).

[4] Iniciais de *Sound Navigation and Ranging* (Navegação e Determinação da Distância pelo Som).

Artigo completo disponível em:

<https://www.linkedin.com/pulse/greyhound-e-batalha-do-atl%25C3%25A2ntico-get%25C3%25BAlio-cidade/>

